



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE
PERNAMBUCO LICENCIATURA EM LETRAS
PORTUGUÊS E ESPANHOL

JOANNE MARIA MOURA DA SILVA

**DETALHES DA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO EM
LETRAS DE JOANNE SILVA:
MEMÓRIAS PARA REVIVER**

Recife
2024

JOANNE MARIA MOURA DA SILVA

**DETALHES DA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO EM
LETRAS DE JOANNE SILVA: MEMÓRIAS PARA
REVIVER**

Trabalho final da disciplina Trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso Licenciatura em Letras (Português e Espanhol) da Universidade Federal Rural de Pernambuco, ministrada pelo professor Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, sob orientação da professora Dra. Sherry Morgana Justino de Almeida como critério de Verificação referente ao semestre de 2023.2

Recife
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Sistema
Integrado de Bibliotecas da UFRPE Bibliotecário(a): Auxiliadora
Cunha – CRB-4 1134

S586d Silva, Joanne Maria Moura da.

Detalhes da trajetória de formação em Letras de Joanne
Silva: memórias para reviver / Joanne Maria Moura da Silva. –
Recife, 2024.

24 f.

Orientador(a): Sherry Morgana Justino de
Almeida.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em
Letras - Português e Espanhol, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Graduação. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 3.
Língua espanhola - Estudo e ensino. 4. Programa de estágio 5.
Graduação - Memorial . I. Almeida, Sherry Morgana Justino de,
orient. II. Título

CDD 410

RESUMO

Em conformidade às determinações do curso, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras, o objetivo do presente trabalho é resgatar memórias que compõem a trajetória pessoal e acadêmica, na medida que apresenta reflexões e assuntos pertinentes à formação da identidade docente e seu exercício, por meio da escrita autobiográfica. Serão abordados neste estudo temas como estudos na graduação nos períodos antes, durante e após a pandemia de covid-19 e a vivência dos estágios supervisionados. O trabalho estrutura-se em apresentação, seção 2 e 3 que expõem alguns dados sensíveis e a história escolar da autora; seção 4 com a experiência de estudos durante a pandemia; seção 5 com o exercício dos estágios supervisionados; seção 6 o momento metalinguístico sobre a construção do trabalho de conclusão de curso. E as considerações finais, que propõem usar da sensibilidade para compreender as atitudes dos alunos e a esperança para acreditar na melhoria futura da educação.

Palavras chave: **licenciatura, Letras, estágio, ensino, memorial.**

RESUMEN

De acuerdo con las exigencias de la carrera, como requisito para obtener la Licenciatura en Letras, el objetivo de este trabajo es recuperar memorias que configuran la trayectoria personal y académica, ya que presenta reflexiones y cuestiones relevantes para la formación de la identidad docente y su ejercicio a través de la escritura autobiográfica. En este estudio se abordarán temas como los estudios de pregrado en los períodos antes, durante y después de la pandemia del covid-19 y la experiencia de las pasantías supervisadas. El trabajo se estructura en presentación, apartados 2 y 3 que exponen algunos datos sensibles y la trayectoria escolar de la autora; el apartado 4 con la experiencia de los estudios durante la pandemia; el apartado 5 con el ejercicio de prácticas tuteladas; apartado 6 el momento metalingüístico en la construcción del trabajo de conclusión del curso. Y las consideraciones finales que proponen utilizar la sensibilidad para comprender las actitudes de los estudiantes y la esperanza de creer en la mejora futura de la educación.

Palabras clave: **licenciatura, Letras, prácticas, enseñanza, memorial.**

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	06
2. DA ESCOLA À UNIVERSIDADE	06
3. LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ	09
4. PANDEMIA PARA NÃO PARAR	12
5. A NORMALIDADE COM ESOS	15
6. O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	21
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	24

1. APRESENTAÇÃO

As memórias que compõem este trabalho objetivam descrever como se deu a formação no curso de Licenciatura em Letras português e Espanhol, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, pela estudante Joanne Maria Moura da Silva. A escritora destas memórias é brasileira, pernambucana residente do município de Camaragibe, filha de Josefa e João, virginiana com ascendente em touro e nascida no Recife.

Oito anos após formar-se em Licenciatura em Filosofia, e trabalhar em ocupações distintas da docência, a atitude de retornar à universidade foi uma solução encontrada para a realização de um desejo de infância. Aqui revelaremos mais das etapas que compõem uma parte da formação inicial da presente estudante da UFRPE. As etapas estão divididas em cinco capítulos: os momentos dos estudos escolares até a entrada na universidade; lá e de volta outra vez à universidade, porém em outra instituição; a interferência da Pandemia no curso da formação e a volta da normalidade pós pandêmica com a possibilidade da realização dos Estágios Supervisionados até o presente momento com o trabalho de conclusão de curso, a etapa final desta vivência acadêmica que é a graduação.

2. DA ESCOLA À UNIVERSIDADE

Como chegar à escola sem fazer menção às origens? Numa noite de domingo do dia 04 de setembro, nascia Joanne Maria Moura da Silva, na cidade do Recife, esta que vos escreve. Filha de João Hermínio, técnico em refrigeração, e de Josefa, professora da educação infantil. Minha mãe me deu à Luz e me deu à escola, pois na mesma escola em que ela trabalhava foi onde iniciei meus estudos e de certa forma me inspirou para trilhar o caminho da educação. Desde criança eu tinha um fascínio especial por linguagem, paixão que começou pela Língua Portuguesa, pois queria ensinar todos a ler e escrever. Ensinava as empregadas de minha tia, ao meu tio que sofria com esquizofrenia e por fim, tentei ensinar ao meu avô (tentativa sem sucesso, porque ele não queria aprender), faleceu aos 102 anos de idade e analfabeto.

Desde o início estudei em escolas da rede privada, na primeira como bolsista, por ser filha da professora. Na segunda, como se tratava de uma escola de bairro, que hoje já não existe, a mensalidade era de baixo custo e permitia que pessoas de pouca renda conseguissem deixar seus filhos estudando. Lá o ensino não foi dos melhores, mas o ambiente era tranquilo. Nessa escola, foi onde entrei em contato com uma segunda língua, a Língua Inglesa. Ao mesmo tempo que estranhava essa nova língua, eu estava encantada e queria aprendê-la, era um outro instrumento de comunicação e um novo mundo que se apresentava. Eu me divertia, gostava e me dedicava tanto a aprender essa nova língua que acabei deixando um pouco de

lado a língua que me fez falar pela primeira vez. Nesse momento, sonhava em me tornar professora de Língua Inglesa. Hoje, refletindo sobre esse estranhamento/encantado, entendo que

O “familiar-estranho” que viemos explorando nos permite, portanto, compreender traços dessa relação de rejeição X encantamento que podem estabelecer os sujeitos com uma língua estrangeira, concebendo-a como algo que extrapola o espaço das estratégias conscientes de ensino-aprendizagem. O espaço entre sentir-se rejeitado e/ou acolhido por essa língua passa pela possibilidade de esse sujeito encontrar nos processos discursivos que ela suporta lugares em que possa ancorar o seu dizer; implica a possibilidade de ser nessa língua. (De Nardi, 2009, p. 186)

A escolinha onde estudava não tinha ensino médio, por isso tive de mudar de escola. A terceira escola também era particular, estava em construção, mas já estava funcionando, justamente por isso a mensalidade era menos custosa. Ainda recebi abatimento na mensalidade porque estudava lá com minha irmã (mas não éramos bolsistas). Se na segunda escola o ensino era razoável, nesta última, o ensino era péssimo. A preocupação principal da escola era em formar jogadores, o que faltava de infraestrutura e ensino – não havia biblioteca, nem livros - sobrava de troféus, campeonatos conquistados e jogadores. Não usávamos livro didático, mas apostilas com resumos de conteúdos das disciplinas e alguns exercícios para os professores usarem em sala de aula.

Por causa de uma feira de ciências, fui com duas colegas até a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) pedir emprestado alguns animais com má formação. Então, entrei em contato com um ambiente muito agradável que me deixou querendo fazer parte de lá, mas ainda estava cedo. Embora essa última escola não tivesse um ensino de qualidade, em 2001, no último ano, tive a oportunidade de entrar em contato com uma terceira língua, o espanhol. Naquele momento o meu coração se dividiu e o inglês (que aprendi pouco) ficou junto ao português.

Era época de aulões solidários, para ajudar as pessoas carentes com alimentos e ensinar em poucas horas algumas disciplinas aos vestibulandos. Assisti a um aulão no Teatro Valdemar de Oliveira¹ e naquele dia uma aula me chamou a atenção. Quando começou a tocar a música “Corazón partio”, interpretada por Alejandro Sanz, surge uma mulher deslumbrante, cheia de ânimo e com um sotaque todo especial. Ela explicava muito bem e era a professora de Língua Espanhola, chamava-se Dorilma Neves. Desde então, meu desejo de ser professora de língua espanhola ficou mais forte. Nesse mesmo ano prestaria vestibular e já sabia para qual curso seria, Letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pois eu não poderia pagar um curso numa instituição privada e a UFRPE, à época, não tinha esse curso.

¹ O qual infelizmente foi consumido pelo fogo durante a escrita deste Memorial

O sistema de vestibular era o da Comissão de Vestibular (COVEST) da UFPE, composto por duas fases que eram bem difíceis, principalmente para quem não tinha uma boa base de estudos. Aprovei na primeira fase e fui para a segunda fase, com poucas esperanças. Lá, uma questão errada anula uma correta, não havia espaço para um chute aproximado como resposta.

Infelizmente não consegui ser aprovada, meus pais não tinham condições de pagar um cursinho pré vestibular, mas não queriam que eu começasse a trabalhar. Queriam que eu tentasse entrar na universidade mais uma vez. Graças a uma amiga da segunda escola, conheci o Projeto Rumo à Universidade (PRU) composto por um grupo de jovens universitários que davam aulas aos sábados pela manhã para auxiliar os estudantes. Assim estudei durante o ano de 2002 e pude prestar vestibular novamente.

Pelas dificuldades de estar estudando só, não ter uma boa base de estudos, não possuir material suficiente e por não me sentir segura, minha primeira opção de curso (Letras) acabou virando segunda opção, o que eu gostaria de cursar no final de minha carreira tornou-se a minha primeira opção. Em 2002, fui aprovada para cursar Filosofia, com uma nota que na primeira fase poderia ter sido aprovada em Letras.

Em 2003, estava na UFPE, cursando Filosofia, uma disciplina que só havia ouvido falar, mas sequer havia estudado na escola. Foi um curso bem difícil de acompanhar, principalmente por conta das demandas de leituras complexas com as quais eu não estava acostumada. Na minha turma, a quantidade de mulheres se contavam nos dedos e me surpreendeu que fosse um curso tão masculino. Durante esse curso, tive muitas dificuldades financeiras e muitas vezes pensei em desistir. Se fazer um curso superior é algo difícil para pessoas com poucas condições financeiras, Filosofia com suas demandas definitivamente não é um curso para estudantes de baixa renda. Em alguns momentos dividia os custos das fotocópias das disciplinas com uma amiga (que dois semestres depois desistiu do curso), não existia auxílio permanência e nem restaurante universitário.

O máximo que consegui de assistência foi a possibilidade de utilizar os computadores do laboratório do curso de Sociologia ou de Pedagogia. Na época precisávamos nos inscrever em uma lista e aguardar um tempo para ter direito a uma hora de uso. Passei o curso inteiro fazendo uso dos laboratórios porque não tinha condições financeiras de comprar um computador.

No curso tentei por diversas vezes ser monitora de algumas disciplinas ou participar de projetos de pesquisa, infelizmente não me deram oportunidade. Pude constatar que os critérios de admissão eram subjetivos e duvidosos, quando não eram machistas. Não é algo recente que sejam negados às mulheres a participação e o acesso às ciências dentre outras atividades nas quais há predominância do gênero masculino. Encontramos no livro de 1832,

Direito das mulheres e injustiça dos homens, publicado pela escritora e poetisa brasileira Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta a seguinte indagação:

“Por que [os homens] se interessam em nos separar das ciências a que temos tanto direito como eles, senão pelo temor de que partilhemos com eles, ou mesmo os excedamos na administração dos cargos públicos, que quase sempre tão vergonhosamente desempenham?” (Floresta, 2004, p.94)

Apesar de experienciar a desconsideração devido à preferência dada aos meus colegas do gênero masculino, ainda me foi possível ser monitora voluntária da disciplina de Lógica para os cursos de Biblioteconomia e Psicologia, lá conheci um menino super gentil e simpático, que se chamava Thiago Leite, um de meus melhores alunos de Biblioteconomia, e foi nesse momento que tive a certeza prática de que realmente queria ser professora. Apesar das dificuldades, consegui concluir minha Licenciatura em Filosofia ao final do ano de 2006.

Minhas tentativas de lecionar Filosofia foram frustradas, não consegui dar aula em nenhuma escola, porque simplesmente não me chamavam. Na época o governo havia estabelecido uma lei a qual determinava que caberia às escolas decidir por ofertar ou não as disciplinas de Sociologia ou Filosofia e não necessariamente precisavam ser ministradas por profissionais diplomados nelas. Logo me dei conta de que formar cidadãos reflexivos não era prioridade para nossos governantes. Então, procurei emprego em outras áreas e, no último emprego, em um escritório de contabilidade, surgiu-me novamente o desejo de infância de ser professora.

Prestei o vestibular, mas dessa vez, já não era o sistema COVEST, tratava-se do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Já havia realizado esse exame uma vez durante o ensino médio e o considerava bem mais fácil, mais tranquilo, e existia a possibilidade de marcar a resposta sem medo de perder pontos por isso. Participei do Sistema de Seleção Unificada (SISU) e dessa vez minha primeira opção foi Letras, mas não para a UFPE, para a UFRPE, local onde há muito gostaria de estudar. E como está escrito no primeiro versículo do capítulo três em Eclesiastes: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu.” (1991, p.818). Fui aprovada.

3. LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ

Em 2015, entrei no curso de Letras da UFRPE, lá e de volta outra vez à graduação. No primeiro dia de aula, reparei que a turma era grande e consideravelmente diversificada com relação ao gênero. Para mim era acalentador ver tantas mulheres na minha turma, eu me sentia curiosa, mas sem expectativas porque sabia que outra vez estaria cursando algo que demandaria muitas leituras e tempo. Senti como se estivesse a fazer minha primeira

graduação, pois se tratava de uma nova realidade, já fazia 8 anos que eu havia concluído uma graduação além disso a instituição não era a mesma.

No primeiro semestre letivo, vi uma de minhas companheiras abandonar o curso, por não ter se identificado, também vi outros colegas saírem. Percebi que a evasão às vezes pode ser evitada, mas não em todos os casos. Me senti um pouco deslocada e aos poucos fiz amizade com outro grupo, composto por Ericka Nascimento, Irapuã Santos, Iwara Barreto e Gilson Azevedo, com quem mantenho a amizade até hoje, mas que também se desfez com evasões.

Ainda nesse mesmo semestre tive duas grandes surpresas. A primeira delas foi rever e poder estudar na mesma sala que Thiago Leite, o menino que fez monitoria de Lógica comigo. Quando nos reencontramos o reconhecimento foi imediato e a alegria da familiaridade, também. Que coincidência fortuita!

E como o destino brinca com nossas vidas, a segunda surpresa também foi uma coincidência. Na hora de pagar a disciplina de Língua Espanhola I, vejo entrar na sala, uma dama muito elegante, bem perfumada que estava a conversar com os alunos no corredor, ela já chega falando em espanhol e se apresenta: “¡Hola chicos! Soy vuestra profesora de español, me llamo Dorilma Neves”. Sim, minha gente, ela é a mesma do aulão!

No segundo semestre, comecei a me sentir desconfortável com a quantidade de disciplinas que não conseguia acompanhar, cancelei as de educação. Nesse mesmo período paguei a disciplina de Linguística B, lecionada pela professora e doutora Valéria Gomes.

Ao final daquele semestre, a professora falou para todos em sala de aula, que tinha uma vaga disponível para um projeto de iniciação à pesquisa científica, com possibilidade de bolsa para o estudante pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e que os alunos que tivessem interesse deveriam entrar em contato com ela para participar de uma seleção.

Imediatamente falei com ela, assim como outras pessoas, a seleção correspondia na criação de um projeto em cima dos estudos de seu grupo (cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX). Novamente constatei como era gritante a diferença entre o curso que fiz na UFPE e a UFRPE. Percebi que a Rural não só dava oportunidade aos seus estudantes, mas permitia que participassem de um processo seletivo justo.

Comecei o terceiro semestre, no ano de 2016, participando de minha primeira pesquisa científica, com a professora Valéria Severina Gomes, a quem tenho muito carinho e agradeço muito pela confiança e oportunidade. Imaginava que não seria fácil me dedicar à pesquisa. Foi uma experiência muito rica e poder trabalhar com a língua portuguesa através dos tempos também foi importante, pude ver a dinamicidade da língua.

Enquanto atuei no PIBIC, no período de agosto de 2016 a julho de 2017, com o

trabalho intitulado “Formas de tratamento ‘tu e você’ na posição acusativa nas cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX”, pude entrar em contato com um material antigo e com a história de tanta gente desconhecida, além de observar as mudanças sofridas pela língua com o decorrer do tempo e relacionar às diferenças de escolaridade dos escreventes. Aprendi principalmente sobre como se realiza uma pesquisa científica na área de Linguística, que me deixou maravilhada.

No semestre seguinte já estava atuando em eventos como monitora para depois poder apresentar os meus achados durante a pesquisa. Participei de dois eventos do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). O primeiro deles foi em 2016, a **XXVI Jornada Internacional GELNE**, nesse fui monitora e pude ver como funcionava o esquema de apresentações além de contribuir com a organização do evento. Estive envolvida em atividades desde a recepção dos inscritos até a organização das salas para as apresentações e cronometragem do tempo de cada apresentação. Trabalhei com e para uma equipe de professores muito boa e também com colegas de curso de diversos períodos, foi uma experiência muito agradável de se viver, sinto saudades desse tempo.

No ano seguinte, apresentei minha pesquisa na **XVII Jepex** de 2017 e na **Jornada comemorativa de 40 anos do GELNE**. Percebi o quanto é importante para esses eventos receberem investimentos governamentais, neles os estudiosos e pesquisadores podem compartilhar os achados de suas pesquisas e ensinar aos que estudam e trabalham com a língua portuguesa novas maneiras de trabalhar com a mesma. Também foi o último ano que acompanhei a minha turma. Desde então, por não pagar todas as disciplinas e haver pré-requisitos para seguir, tive de voltar alguns semestres para pagar as disciplinas que havia deixado, principalmente as de educação.

Em 2018 estava na turma de 2015.2 cursando a disciplina de Didática e Literatura em Língua Espanhola I, já com a turma de 2017.2 paguei a disciplina de Fundamentos Filosóficos Históricos e Sociológicos da Educação e com a turma de 2017.1 cursei Literatura Brasileira e Modernidade com a professora Renata Pimentel, com quem aprendi que ser ousada fazendo uso da criatividade para apresentar questões literárias é tão válido e importante quanto se prender à teorias e rigorosas críticas acadêmicas. Gostei muito de poder pagar essas disciplinas neste momento e com estas turmas. Eu me senti livre para escolher o que cursar e quando, além de poder conhecer novas pessoas, novas dinâmicas entre os professores e os alunos.

Penso que a autonomia para cursar as disciplinas é algo muito importante para se experienciar na graduação. Através dela, o aluno pode se sentir ativo em suas escolhas e não apenas receber passivamente as determinações impostas por instâncias superiores. Além disso, a possibilidade de escolher o que cursar e quando cursar permite que possamos viver

conforme o nosso tempo, sem nos sentir tão pressionados.

Também é relevante lembrar que no momento em que cursei as disciplinas não dialogavam entre si, esse diálogo tem a contribuir consideravelmente na formação dos alunos, pois possibilitaria que ampliassem o olhar para os assuntos estudados, bem como empregar as informações relevantes de outras disciplinas na disciplina estudada e pensar criticamente sobre os assuntos estudados.

Nesse processo de mudança de turmas até o final de 2019, cada uma possuía uma energia diferente e todas me animavam. Preciso mencionar que cursei algumas disciplinas de Educação em turmas de matemática e física. Tive a oportunidade de ir para outro centro (CEGEN), fazer novas amizades, ter colegas de outras áreas com linhas de pensamentos diferentes e achei essa convivência muito rica e proveitosa. Com eles pude participar do curso de Introdução à Astronomia da UFRPE, coordenado pelo professor Antônio Carlos Miranda, a quem tenho grande gratidão pelos conhecimentos que adquiri e com a presença de diversos pesquisadores.

Consegui pagar as principais disciplinas que me impediam de ir adiante nos semestres após o 5º período e em 2020 eu completaria as disciplinas do 6º período. Estava animada porque pensava que faltava pouco para concluir, mas também não estava tão satisfeita, porque me sentia confortável estudando na UFRPE e queria ter a experiência de ser monitora de alguma disciplina e participar de outros programas.

As coisas seguiam como eu planejava, porém, em março de 2020 surgiu a pandemia por COVID-19. Foi preciso replanejar o que faria porque nesse momento eu já não estava mais no controle do meu tempo, mas quem estava? A pandemia me impediu de cursar o Estágio Supervisionado 1 e a Língua Brasileira de Sinais: Estudos Linguísticos, disciplinas que contam bastante com a presencialidade para serem bem aproveitadas.

4. PANDEMIA PARA NÃO PARAR

O começo da pandemia foi um momento difícil e inesperado para todas as instituições públicas e privadas. A universidade não estava preparada para de maneira imediata criar soluções para permitir que os alunos se mantivessem estudando. No entanto, para não parar, alguns meses depois a universidade criou um Período Letivo Excepcional (PLE). O semestre de 2020.1 com as aulas presenciais ficaria suspenso enquanto que novos semestres 2020.3 e 2020.4 seriam ofertados com as aulas remotas.

Apesar de não poder cursar as disciplinas que gostaria, 2020.3 chegou a mim de uma maneira muito positiva, continuei pagando as disciplinas de 2020.1, porém como disse anteriormente, não fiz o ESO 1 e nem Libras, porque imaginei que não seria fácil devido a pandemia e então decidi pagar essas disciplinas quando as coisas comesçassem a voltar à

normalidade.

Em compensação, paguei as disciplinas de Literatura Brasileira: do Moderno ao Contemporâneo com o professor Dr. Iêdo Paes e História da Língua Espanhola com a professora Esp. Dorilma Neves que foram disciplinas muito agradáveis de se pagar durante o PLE, assim como as disciplinas de Didática da Linguagem com a professora Dra. Thaís Ranieri, Prática de ensino de Literatura com o professor Dr. João Batista Pereira e Metodología Científica com o professor Alexandro Tenório. Passei a gostar mais desse ensino que o modo presencial, sem contar que era mais econômico, eu não pagava passagem, não pagava para comer fora.

Neste momento percebo a importância da universidade pensar em programas voltados para a assistência de estudantes desempregados, de baixa renda e que já possuem uma graduação. Precisamos considerar que possuir um curso superior não é uma garantia de renda mensal e ela é necessária para custear os estudos, pois embora o curso de letras seja noturno ele possui disciplinas em outro turno.

Ao participar de classes remotas pude perceber que rendia mais e rendia bem, logo ao início do PLE paguei as disciplinas com meu celular de 8Gb o que foi bem complicado. A universidade fez um programa para distribuir *tablets* e financiou a compra de computadores para alguns alunos, mas infelizmente, como na maioria dos programas da universidade eu não me enquadrava nos requisitos para os programas assistenciais e tive de pedir ajuda de meus amigos e familiares para poder seguir cursando nesse momento.

Apesar da pouca memória do celular, coloquei o *google meet* e pude me comunicar com meus colegas e assistir às aulas. Mas nem tudo foi tão simples como parece, foi difícil porque minha família não estava preparada para me ver assistindo as aulas remotas e perturbaram muito, até mesmo minha cadelinha, Madonna, que queria aparecer e brincar em todas as *lives*.

Foi difícil contrair covid e se manter estudando, foi mais difícil conseguir fazer minha operação de retirada da vesícula, poder me recuperar e me manter estudando e também foi difícil enfrentar o inverno com a cheia ameaçando invadir a casa onde moro. Apesar dos pesares e das dificuldades, foi possível e consegui pagar aproximadamente 8 disciplinas enquanto ocorreu o PLE, ainda participei de Congresso Internacional, Mesas redondas e seminários online.

Nesse momento percebi o lado positivo de poder fazer uso desses meios tecnológicos para entrar em contato com pesquisadores e informações de pesquisas que ocorriam em tempo real em outros países além de me manter estudando para o curso. Isso ocorreu, por exemplo, com o **I Congreso Internacional del Español para fines específicos** da Junta de Castilla y León que participei em novembro de 2021.

Também durante o PLE enquanto cursava a disciplina de História da Língua espanhola fui convidada pela professora Dorilma Neves para me juntar ao quadro de professores do Núcleo de Idiomas (NID) como monitora de Língua Espanhola. Esse convite foi aceito de imediato e como monitora voluntária pude dar aulas remotas de Língua Espanhola Básica no nível A1 pelo NID-NInter da UFRPE.

Meu primeiro momento de contato com turmas compostas por 30 alunos, foi uma experiência impulsionadora. Compreendi o que significava fazer planos de aulas e elaborar atividades para os momentos assíncronos, trabalhar com um *software* de aulas à distância (AVA-EAD) e lidar com as adversidades que surgem quando trabalhamos com aulas remotas síncronas. Viver os elementos que compõem o ser docente me fez ver que para dar aulas é necessário ter conhecimentos variados, além de ter criatividade e muita disposição. Sentia prazer em dar aulas para alunos tão dispostos, motivados e participativos, lá tive experiências de salas de aula ideais porém, não eram presenciais.

Infelizmente, tive de deixar a monitoria porque não tinha mais condições financeiras de custear essas aulas, também me faltava o tempo necessário para me dedicar aos estudos. O trabalho era voluntário e precisei de muita boa vontade para poder seguir com ele por 9 meses. Eu usava um notebook emprestado de um parente que nem sempre estava disponível, também a conta de energia aumentou consideravelmente, e dividir uma parte do meu tempo de estudos para me dedicar às aulas começou a me trazer problemas para dar conta das atividades remotas das disciplinas do curso.

Lembro-me que nestes momentos finais de minha monitoria estava cursando a disciplina de Prática Pedagógica de Língua Portuguesa II. Nessa disciplina, obtive conhecimentos mais detalhados sobre a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que é o documento que fundamenta os demais documentos responsáveis por dirigir e orientar os professores quanto a sua prática de ensino de Língua Portuguesa (LP) na sala de aula.

Aprendi que a BNCC, 2017, compreende a natureza social e interacional da linguagem, ou seja, aborda a linguagem dentro de uma perspectiva enunciativo-discursiva. Além disso, concebe o texto como unidade básica de ensino, sendo portanto o objeto principal e privilegia as práticas de uso da língua(gem) de maneira situada e contextualizada.

Percebi que é relevante para o profissional de educação ter ciência desse documento porque obtém-se noções de como trabalhar a LP em sala de maneira que essa prática possua uma perspectiva comum a proposta de ensino-aprendizagem nacional. Em outras palavras, é uma forma de atingirmos os objetivos almejados para o exercício de ensinar a língua conforme as contribuições das pesquisas linguísticas e permanecer de acordo com a proposta nacional.

Ao final do ano de 2021, a pandemia começava a atenuar-se e a sociedade seguindo

os protocolos de proteção, fazendo uso de máscaras, álcool, dentre outros métodos de higiene, voltava às suas atividades normalmente. Conseqüentemente a UFRPE também voltaria com suas atividades, inicialmente com os setores técnicos, administrativos e docentes, e alguns meses após viriam os discentes.

5. A NORMALIDADE COM ESOS

O PLE chegou ao fim, em seguida 2021.1 começou com uma lenta porém gradual volta à presencialidade. Neste momento procurei cursar a disciplina de Estágio Supervisionado 1 e Literatura Espanhola 2. A disciplina de Literatura Espanhola 2 foi cem por cento remota e assíncrona, enquanto que a disciplina de ESO 1 foi inicialmente remota para depois as observações serem presenciais bem como a conclusão da disciplina. Nesse momento conclusivo todos os alunos expuseram o que constataram durante o período de observação.

A formação de docentes tem por disciplina fundamental para o processo de aprendizado o Estágio supervisionado, que desenvolve conhecimentos teóricos e práticos da atividade pedagógica. Para Pimenta e Lima (2006) a finalidade do estágio é permitir ao futuro docente a aproximação da realidade escolar que deve ser analisada e questionada de maneira crítica à luz de teorias.

Nesse sentido, o estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá. (Pimenta; Lima, 2006, p.14)

No ESO 1 pude observar a ecologia da escola, como ela se organizava, o papel e as funções desempenhadas por seus funcionários, sua estrutura, seus horários, as turmas, a quantidade de alunos e de funcionários. Pude perceber que a escola é como um grande organismo e para seu bom funcionamento, não basta apenas ter uma boa estrutura, mas também é necessário possuir uma boa gestão e profissionais comprometidos em desempenhar com qualidade as suas responsabilidades.

Percebi também, através de minhas observações e nas falas de meus colegas da disciplina, o quanto boa parte das escolas públicas estão degradadas precisando de reparos em suas estruturas e de melhorar o ambiente. No que se trata da escola que observei, posso afirmar que é difícil conceber como os alunos e os professores podem passar tanto tempo nela considerando que além dos problemas estruturais a qualidade nutritiva das refeições caiu bastante.

Seus ambientes não eram propícios para atividades e dinâmicas que demandam o uso de tecnologia como fazer uso de laboratórios de Informática, de Química, de Biologia. A sala

de multimídia era um tanto precária e a biblioteca era tão pequena que não comportava uma sala de aula de maneira confortável. Quando pensei que os alunos passam 7 horas de seu dia na escola, também me perguntei como eles passam esse tempo.

Isso me faz pensar sobre a proposta da reforma do ensino médio, a qual tenciona que os alunos estejam 7h na escola, participando de suas atividades com uma grade de horários bem diferente da grade anterior à pandemia. Dentro do quadro geral de disciplinas oferecidas durante este tempo, as disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática serão as que manterão sua carga horária e as demais disciplinas que compõem as Ciências da Natureza e as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas terão uma grande redução.

Mais uma vez, me vem à mente o questionamento de que tipo de indivíduos pretende-se formar com esse Novo Ensino Médio, sabendo-se que disciplinas que tem por proposta desenvolver a autonomia de pensamento e o olhar crítico sobre a realidade vigente, como a Filosofia e a Sociologia são preteridas. Bem como tantas outras disciplinas que também são importantes para a construção de uma visão de mundo individual através de seus conhecimentos científicos.

... a atual reforma do ensino médio utiliza-se da noção de básico como referência retórica do direito à educação, enquanto a noção de mínimo prevalece no que se refere às formas de asseguramento jurídico do direito. Neste sentido, a restrição curricular decorrente da reforma em tela, equivalem a negação da função preponderante da escola de promover a aquisição do que Michael Young (2007) denomina de conhecimento poderoso, entendido como aquele que fornece explicações confiáveis ou novas formas de pensar a respeito do mundo, conhecimento sistematizado que não está disponível em casa. (Silva, 2021, s.p.)

Saindo do ESO1 para o ESO2, minhas observações foram voltadas para o ensino de LP na mesma escola onde desenvolvi o meu primeiro estágio. Observei em torno de três semanas a jornada de ensino da professora Fabiana Ramos para turmas de 1º e 2º anos, fiz questionários para verificar aspectos que visualmente não seriam perceptíveis, além de observar o conteúdo programático das aulas que estavam sendo ministradas neste período.

Inicialmente observei questões estruturais que tive de enfrentar quando realizei o ESO 4 na mesma escola. As salas não forneciam as melhores condições para o trabalho do docente, as lousas brancas estavam muito sujas devido ao seu tempo de vida útil. E, embora estivessem bem iluminados, os ambientes das salas não ofereciam condições climáticas agradáveis para os alunos e professores se concentrarem em suas atividades, estando em alguns momentos do dia muito quentes.

A acústica era ruim e a presença de ventiladores e janelas muito amplas terminava por prejudicar o professor, que muitas vezes precisava gritar para se fazer ouvir dentro do espaço. Em algumas salas não haviam portas e em outras as portas não possuíam trancas, motivos

que promoviam a interferência de barulhos externos ou o barulho da própria porta batendo no portal de entrada nas salas durante as aulas. Mais que uma luta, educar sob essas condições é uma batalha.

Estes foram pequenos detalhes que me fizeram refletir sobre o quanto é preciso ter disposição e ser persistente para se manter como docente em um ambiente de trabalho que não colabora para que as atividades sejam bem realizadas. E, além desses, ainda há o inconveniente das turmas serem bastante indisciplinadas, e pouco interessadas em aprender.

Já o ESO 3, estágio voltado para o ensino de Língua Espanhola, imaginava que poderia cursar no Núcleo de Línguas da Universidade (NID-NInter), assim como havíamos recebido estagiários por lá. No entanto, a professora Dorilma disse que isso não seria possível, então tive de realizar meu estágio na Escola Técnica Estadual (ETE) do mesmo bairro que a Escola Estadual onde realizei os ESOs 1,2 e 4.

Assim que cheguei ao ETE percebi as diferenças estruturais comparadas com a escola dos meus estágios anteriores. As salas eram melhor ventiladas (com ar condicionado), mais iluminadas, mais espaçosas, quadros brancos limpos, bancas em bom estado de conservação. A acústica da sala era ótima e não era necessário esforçar-se muito para falar pois ouvia-se bem em vários pontos da sala.

Além disso, pude constatar que os alunos eram consideravelmente mais motivados e dispostos. Era uma realidade muito diferente da que me deparei na escola estadual anterior. Não posso afirmar que o ambiente contribuiu para uma mudança de comportamento dos alunos, mas é preciso mencionar que de alguma forma isso deve ter interferido. E nessas horas pensei, nem todas as escolas públicas apresentam uma realidade difícil para o ensino e para a aprendizagem.

Também nesse momento lamentei que alunos do Ensino Médio regular não tenham acesso à Língua Espanhola, o que, em minha opinião, de certa forma, reduz muito a qualidade de sua formação. A partir do contato com a Língua Espanhola, o estudante além de conhecer sobre as práticas culturais dos países hispano falantes, vai integrar-se ao ambiente sociolinguístico da América Latina, se verá como membro dessa cultura, é uma forma de se ver e ser, a medida que adquire um novo idioma.

Passado o ano de 2022, entramos em 2023, retorno à antiga escola para cursar o ESO 4, todos já me conhecem por lá e sempre sou muito bem recebida. Fiz observações durante duas semanas e lecionei pelo mesmo período de tempo, minhas observações e regência foram em turmas do 1º ano do Ensino Médio. O 1º A era a turma mais difícil de se trabalhar os conteúdos, por indisciplinada, desatenção, desinteresse e desrespeito ao professor. O 1º ano B

era a melhor turma, mas é importante frisar que haviam pequenos grupos também indisciplinados e desinteressados. O 1º ano C era muito melhor que o A, porém também apresentava comportamentos desrespeitosos com a professora Fabiana, eram desatentos e faziam muito barulho.

De maneira geral, pode-se dizer que para todas as salas o clima era de afetividade e bom relacionamento entre os membros, nem sempre os alunos atendiam aos apelos da docente por silêncio ou atenção. Nas aulas dos últimos horários, a insatisfação dos alunos de estarem na sala era evidente. Muitos pediam para ir ao banheiro e beber água a cada 15 minutos.

No momento que atuei como professora, tive dificuldades para atrair os alunos ou mesmo ocupá-los com a cópia do conteúdo disponibilizado no quadro em seus cadernos. Apenas foi possível que eles tomassem notas do conteúdo por meio de coerção, quando a professora interveio e lhes comunicou que se tratava de uma atividade avaliativa somativa, que a apresentação dos cadernos com o conteúdo anotado valeria nota.

No que corresponde à minha prática didática em sala, ela variou conforme a concepção de linguagem, segui as concepções propostas por Soares (1998), para cada momento da sala. Em alguns momentos fui uma professora didática, em outros momentos fui mediadora. Nos momentos de didatismo, apresentei uma concepção de linguagem estruturalista, pois precisava passar o conteúdo de variações linguísticas conforme a teoria sociolinguística, então expus o conteúdo de maneira conceitual.

Já nos momentos em que procurei mediar a construção do conhecimento, apresentei uma abordagem da linguagem através da concepção sociointeracionista. Então, passei a explorar os assuntos dos temas fazendo uso de textos, como por exemplo, o estudo de tirinhas, charges, crônicas e letras de canções. Procurei, sempre que possível, através de questionamentos construir o conhecimento junto com os alunos, tarefa difícil porque a maioria deles não queriam e não participaram.

Como um recurso tecnológico para incremento e diversificação das aulas fiz uso da sala de multimídia para apresentação de um texto, um vídeo e duas canções, com as três turmas. Comparando com as aulas cotidianas dadas em sala, percebi que para o 1º ano A e B este tipo de aula foi mais produtivo, eles prestaram mais atenção e participaram, já para o 1º C este tipo de aula não foi boa, a turma não participou e ficaram mais agitados.

Nessas aulas que ministrei durante o momento de regência, não priorizei atividades que fizessem uso da oralidade, no entanto procurei manter um equilíbrio entre as atividades de leitura e escrita. Também dei retorno das atividades corrigindo-as com os alunos, e a professora deu o visto nos cadernos, tendo em vista que se trata de parte da avaliação, que além de processual, formativa, tem a parte somativa e corresponde à demanda da Gestão e coordenação pedagógica da escola.

A quantidade de atividades para os alunos foi pensada de modo a adequar-se à situação da turma, porque nem todos os alunos desenvolveram as competências e habilidades de leitura e escrita desejadas para o nível de ensino em que se encontravam, principalmente depois de passarem por dois anos de ensino remoto. Algumas atividades foram realizadas em grupo, contudo a apresentação dos cadernos foi individual, procurou-se trabalhar a interação entre os alunos para gerar harmonia e união dentro da sala na medida do possível.

Tendo em vista de que o estágio trata-se de um momento no processo de formação do discente para o futuro exercício da docência, sua vivência no curso universitário, com efetivação prática nas observações da atuação do professor em sala de aula e na regência de aulas, foi importante para a constatação de que o exercício da docência em uma escola estadual da rede pública de Pernambuco é uma atividade árdua que demanda paciência e inovação.

Os conhecimentos teóricos adquiridos através dos estudos orientados dentro do curso universitário contribuíram para a compreensão de como melhorar o ensino e como aprimorar o modo de se ensinar um conteúdo. Esses conhecimentos de saber específico são de grande valor para qualificar e diferenciar as aulas conforme o conteúdo da LP que se pretende ensinar (Gramática Normativa, Gênero textual, Literatura).

Ainda assim, é pertinente mencionar que por mais conhecimentos de estratégias e metodologias cujas finalidades sejam proporcionar ao aluno uma aprendizagem agradável e eficiente, contribuindo para a sua formação enquanto indivíduo capaz de atuar nos diversos campos discursivos e exercer sua cidadania de maneira democrática, isso não é o suficiente para que a aprendizagem se concretize e os resultados finais sejam positivos.

Sabe-se que o professor tem um papel importante na relação de ensino-aprendizagem, no entanto essa relação é dialógica e diante de alunos descomprometidos, desestimulados, sem considerar a importância do estar na escola para as suas vidas e convictos da ideia de que a escola é apenas uma “prisão temporária”, que receberão a aprovação para a turma subsequente independentemente do que façam, essa relação se torna frágil e desgastante.

O que é possível ser feito dentro destas condições é trazer para a sala de aula a proposta freiriana de educar de maneira humanizadora e libertadora, a partir do momento em

que o professor passa a problematizar o conteúdo que é apresentado para os alunos e constrói com eles o conhecimento. Nesse caso, tanto o professor quanto o aluno serão sujeitos para as transformações de suas concepções. O professor não será autoritário, o conhecimento não será um saber imposto sem questionamentos e os alunos se emanciparão a partir do momento em que passem a questionar suas próprias concepções acerca do mundo e dos saberes que estão lhes sendo transmitidos, realizando assim um diálogo produtivo. Pois, conforme Paulo Freire menciona em seu livro *Pedagogia do Oprimido*: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39).

Sem infraestrutura adequada, uma prática docente que pretenda fazer uso de diversas tecnologias e recursos midiáticos para um ensino de qualidade como propõe a BNCC se torna inviável. Até então, os alunos estão sendo formados dentro das limitações apresentadas pela escola, o que significa que apesar das dificuldades a persistência do docente em procurar passar o conteúdo mesmo com poucos recursos e fazer com que os alunos aprendam, não obstante a presença de lacunas, está funcionando e isso é o que há de mais valioso a ser pontuado, aprendido e lembrado para quem pretende ser professor em situações reais e concretas do ensino no país.

Sendo assim, percebo que é necessário que as escolas venham a receber investimentos dos órgãos estaduais para a manutenção e melhora de sua infraestrutura independentemente de seus resultados nas avaliações oficiais do país. Também ampliar o quadro de funcionários da escola, contratando mais professores e auxiliares, além de profissionais que cuidam da saúde mental e do aprendizado como psicólogos e psicopedagogos. Esses elementos são imprescindíveis para que não somente os alunos, como os professores, tenham uma melhora na qualidade de seus desempenhos e que possam estar numa escola democrática que se preocupa de fato com os indivíduos que a compõem.

No ESO 4, além das observações, nos foi solicitado pela professora Dra. Thaís Ludmila Ranieri como última atividade avaliativa, a escrita de um memorial relatando como ocorreu nosso processo formativo no curso, apresentando a origem de nosso desejo por cursar Letras e tudo o que havíamos feito até o momento da disciplina. Foi uma experiência preciosa pois ao descortinar o palco no qual encenei atos que me orgulham, até chegar onde me encontro, me dei conta do quão querido é este curso para mim.

Também por este momento de recapitulação do que vivi só tenho a agradecer à professora Thaís que nos deu a possibilidade de trabalhar com um gênero textual pouco comum. Ela conduziu a disciplina com muita sensibilidade, a todo momento esteve aberta ao diálogo com os alunos e quando passamos por situações climáticas desfavoráveis às aulas presenciais, ela realizou aulas remotas.

Foi agradável voltar à normalidade no curso de letras fazendo os Estágios Supervisionados. Ainda paguei outras disciplinas obrigatórias, que me mantiveram frequentando a universidade e vivendo em contato com o ambiente acadêmico. Enquanto na universidade recebia conhecimentos teóricos sobre a prática de ensino, a convivência nas escolas me motivou e ao mesmo tempo colocou à prova as coisas que aprendia. Com isso, continuo firme com o meu propósito de ser professora de Língua Portuguesa e Espanhola.

Para concluir o curso de Letras, faz-se necessário cursar a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e apresentar na mesma o trabalho que vai permitir que eu encerre esta trajetória, é o que veremos adiante.

6. O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A disciplina de trabalho de conclusão de curso (TCC) é oferecida no 9º período, juntamente com a disciplina de ESO 4. Por considerar que a disciplina de TCC demandaria mais tempo e dedicação e tendo em vista que não conseguiria dar conta das demandas diárias, optei por pagá-la de maneira exclusiva.

O professor que ministra a disciplina no presente momento é o Dr. Ewerton Luna, ele é muito didático e nos explicou detalhadamente como se dava o processo de construção deste último trabalho, desde os procedimentos necessários para a confirmação da disciplina através da assinatura do termo de compromisso, até as possibilidades de trabalho para a conclusão do curso, como o relato de experiência, o memorial e o artigo científico, explicando pormenorizadamente os componentes principais que constituem um artigo científico.

Para realizar o trabalho de conclusão de curso, eu teria a possibilidade de escolher temas em duas áreas gerais: Língua Portuguesa ou Língua Espanhola. E aí começou a minha angústia, como escolher entre campos que tanto admiro e me agradam? Inicialmente pensei em trabalhar com Literatura, já que não havia realizado nenhuma pesquisa voltada para esta área, mas literatura de que idioma?

Pensei na literatura brasileira, porque enquanto cursava “Origem e formação da literatura brasileira I”, com a professora Dra. Sherry Almeida, gostei do assunto e da metodologia aplicada em sala, ela explicava sobre os movimentos literários e seus autores com tanta naturalidade e paixão, que não tinha como não se encantar, sem contar que a proximidade e empatia com que tratava aos alunos e a mim, eram aspectos que me tocaram afetivamente.

Contactei a professora Sherry que muito solícita de imediato se disponibilizou a me orientar na difícil missão do TCC. Tinha a orientadora, a área, mas ainda não tinha o tema. Inicialmente pensei em trabalhar literatura brasileira, com contos do Guimarães Rosa, nesse momento, o tempo, tal qual o faminto deus mitológico, Chronos, sai devorando a mim e

meus planos.

Quando entrei em contato com artigos que versavam sobre o gigante Guimarães Rosa, escritor que pretendia pesquisar, me vi pequena e frágil para realizar um trabalho de análise literária. Então, decidi fazer um artigo voltado para algo que o tempo me permitiria, uma sequência didática sobre crônicas de Lima Barreto, para estimular a leitura e escrita de alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Visto que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da rede pública apresentaram baixos resultados no Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco (SAEPE) de 2022, na disciplina de Língua Portuguesa.

O artigo tinha o nome “Estudo comparado de crônicas, uma proposta de sequência didática para desenvolver a escrita criativa e a compreensão leitora”. Comecei a fazer minhas leituras e buscar as crônicas que empregaria nesta atividade. No decorrer deste tempo, minha pequena cadela começou a ter problemas de saúde, um mês após ter realizado uma cirurgia de retirada de tumores da mama.

Chronos, além de devorar meus dias e meus planos, acompanhado de um monstro mais cruel, estavam devorando minha pequena fonte de amor e alegria. Chegou um momento que tive de escolher entre dedicar meu tempo e cuidados à quem amava ou à academia. E meu coração decidiu ser fiel ao meu amor e cuidar da Madonna, enquanto era possível, assemelhando-se aos versos de Vinícius de Moraes em seu Soneto de Fidelidade:

De tudo, ao meu amor serei atento,
Antes, e com tal zelo, e sempre e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em louvor hei de espalhar meu canto.
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure. (Moraes, 1946, s.p.)

Como está declarado na primeira estrofe, me dediquei ao meu amor, fui atenta e zelei por ele, sem cronometrar o tempo, sem medir esforços. Vivi o que para alguns seriam momentos vãos, para hoje em seu louvor espalhar meu canto dos risos e dos prantos que chorei, porque o amor passa por desafios e apesar deles, ele deve prevalecer. E mais tarde, seja pela morte ou pela solidão, quando me deparar com a finitude do meu sentimento, poderei dizer que ele foi infinito enquanto durou e por ele fui fiel, assim como a mensagem

passada pelo título do soneto.

Os dias que me foram concedidos, não foram o bastante para viver a infinitude desse amor, mas ainda vivo através de minhas memórias, pois assim como as estrelas propagam sua luz apesar da morte, minha estrelinha continua brilhando no meu coração e nestas memórias para reviver. O artigo foi devorado, não conseguiria terminar de escrevê-lo a tempo, e o que ainda escapa ao tempo são estas memórias.

Lembrando da possibilidade de apresentar um memorial como trabalho de conclusão de curso, decidi melhorar o que já havia escrito no ESO 4, desta vez com as contribuições de minha orientadora.

O memorial trata-se de um gênero textual costumeiramente empregado na Academia, nele é registrado partes importantes do percurso de formação do indivíduo. A narrativa das coisas lembradas é realizada de modo autobiográfico, ela contempla o contexto político, social, econômico e cultural de quem narra.

A cronologia dos dados apresentados no memorial pode ser estabelecida conforme uma linha temporal ou dar saltos para apresentar o que o narrador considera como essencial. Essa reconstrução das vivências do autor está perpassada por teorias e linhas de pensamento que foram acessadas no decorrer do processo formativo. O presente memorial possui muitas características de um memorial de formação, pode-se descrever o memorial de formação como sendo:

... o processo e a resultante da rememoração com reflexão sobre fatos relatados, oralmente e/ou por escrito, mediante uma narrativa de vida, cuja trama (enredo) faça sentido para o sujeito da narração, com a intenção, desde que haja sempre uma intencionalidade, de clarificar e ressignificar aspectos, dimensões e momentos da própria formação. No que respeita ao processo, trata-se de experienciar o momento da narrativa reflexionada também como um componente formativo essencial. Trata-se de o narrador, elaborador do próprio memorial, ser realmente o sujeito da narração (embora dela também seja objeto), consciente de que a reflexão empreendida é elemento sine qua non para a compreensão da própria formação e, ainda, de que o momento da narração, nos moldes aqui entendidos, é, também ele, momento formativo. (Abrahão, 2011, p.166)

Sendo assim, aqui deixo registrado meu percurso formativo com descrições dos momentos e experiências que moldaram minha visão de graduanda e docente, também deixo minhas reflexões e, sobretudo, espero suscitar em quem ler estas memórias a reflexão a respeito deste e de seu próprio processo formativo.

Sentirei saudades deste tempo que estive por aqui, afinal, tive 8 anos de experiências diversas. Gostaria de ter feito mais, participado de mais programas de pesquisa, de ensino e de extensão, mas compreendo que nem sempre isso é possível, pelo menos eu tentei. Agradeço de todo coração à professora e amiga Sherry pela confiança, orientação e atenção, aos meus pais, a minha irmã Julianne e meu cunhado Luíz, bem como agradeço a todos que

contribuíram direta ou indiretamente para que a escrita deste memorial fosse possível.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos por meio deste relato pessoal, a origem de meu desejo por me tornar professora, as influências, as coincidências e os caminhos que percorri até chegar neste momento conclusivo de minha trajetória estudantil. Esses caminhos foram desde os estudos da infância, passando pela adolescência, entrando em minha primeira licenciatura até chegar ao momento em que curso a Licenciatura em Letras na UFRPE.

Posso afirmar que este processo formativo inicial foi importante para a construção de minha identidade profissional, levarei cada aprendizado como uma maneira de olhar para o meu aluno e tentar compreender quais são os motivos que o impulsionam a ter determinada atitude ou comportamento com relação aos estudos e ao que está aprendendo.

Entendo que esta identidade vai se modificando no decorrer das experiências vividas e que ainda falta-me a desafiadora experiência de viver por mais tempo nesta e desta profissão. Como afirmaram Iza, Benites e outros autores:

Pode-se dizer que ‘ser-professor(a)’ é uma construção angariada no decorrer de um longo processo, pois é preciso tempo para assimilar a formação, para aprender como agir, para tomar decisões e principalmente para se reconhecer como um formador das futuras gerações. (Iza, Benites et Al., 2014, p. 276)

Para minha atuação enquanto profissional, levarei comigo a ideia de que para persistir na atividade educativa é recomendável usar a criatividade para inovar diante de poucos recursos, bem como ter paciência e expertise para lidar com alunos pouco comprometidos.

Sei que aos poucos vou aprender como agir e tomar decisões, ainda não me sinto como formadora das futuras gerações, mas sei que estou mais perto de chegar a esse momento. E, assim como agora, nesse momento mantereí a esperança na vinda de momentos melhores para o ensino, para os profissionais de educação, para os estudantes e para as escolas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memoriais de formação: a (re)significação das imagens -lembranças/recordações-** referências para a pedagoga em formação. Educação: Porto Alegre, v. 34, n.2, p. 165-172, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC>. Acesso: 5 ago. 2023.

CENTRO BÍBLICO CATÓLICO. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda, 1991.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. **Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro**. Desenredo (UPF), Passo Fundo/RS, v. 5, n. 2, p. 182-193, 2009.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. Recife: Ed. Massangana, 2010.

FREIRE, Madalena . Observação, registro e reflexão. In.: **Instrumentos Metodológicos I**. 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996. Disponível em: https://issuu.com/ongavante/docs/observacao_registro_reflexao. Acesso no dia 15 ago. 2023.

IZA, D. F. V.; BENITES, L. C.; SANCHES NETO, L.; CYRINO, M.; ANANIAS, E. V.; ARNOSTI, R. P.; SOUZA NETO, S. de. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 273 - 292, 2014. DOI: 10.14244/19827199978. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/978>. Acesso em: 5 ago. 2023.

MENDONÇA, Marcia; CLECIO, Bunzen. Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação de professores: introdução dialogada. In:____(Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p.199-226.

MORAES, Vinícius. **Soneto de Fidelidade**. São Paulo, 1946. Disponível em: <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-fidelidade>. Acesso em 07 jan.2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, Catalão: Goiás, 2006, p. 5-24, Vol.3, n.3. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SILVA, Jamerson Antônio de Almeida da. **Reforma do ensino médio em Pernambuco: a nova face da modernização-conservadora neoliberal**. Revista Trabalho Necessário, Niterói, v. 19, n. 39, p. 82-105, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/48626/29246> Acesso em: 05 ago. 2023.

SOARES, M. Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. In: **Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino**. São Paulo: Educ, 1998, p. 53-60.